



Editorial

O presente número da *Aurora* traz o dossiê “Filosofia da Psicanálise”, organizado por Francisco Verardi Bocca e Daniel Omar Perez, pesquisadores do tema. A atualidade do assunto é indiscutível e o espaço de abordagens tem tido destaque, seja pela possibilidade de elevação do debate acerca dos nexos entre uma e outra área do saber, seja pela explicitação da contribuição crítica da Psicanálise ao conceito de sujeito moderno de conhecimento, inventado pela Filosofia Moderna. Se a Psicanálise compreendeu a força do inconsciente na motivação dos desejos frente ao universo da consciência, a Filosofia obrigou-se a repensar as noções de razão, moral, paixões e sentimentos, criadas pela Filosofia Moderna. O dossiê contém artigos que historicam — em parte — as recorrências teóricas de Freud a Hobbes, Charcot e Rivot, e a assimilação e os aditamentos procedidos pelos seguidores Lacan, Badiou, Zizek; uma comparação entre a concepção de moralidade em Freud e em Winnicott; e, por fim, a prospecção — desde os fundamentos da Psicanálise e o estatuto do ódio — para desvendar o preconceito contra o homem LGBT.

O dossiê inicia com o artigo “De la irreductible presencia del salvaje hobbesiano en la obra de Sigmund Freud”, de autoria de Rodrigo De La Fabián, que propugna a crítica imanente de um dos aspectos da teoria de Freud, desde a hipótese de que o conceito antropológico hobbesiano do estado de natureza, calcado na noção de guerra de todos contra todos, sob o arco do “paradigma imunitário”, produz impasses na obra do criador da Psicanálise. Se Freud citou pouquíssimas vezes Hobbes em sua obra, o autor sustenta e problematiza a argumentação

em pensadores contemporâneos, que desdobraram aquele substrato: Esposito e Girard.

Es specular acerca das influências teóricas de Ribot, relativas às noções de memória e consciência, especificamente a de “cerebração inconsciente”, assimiladas à primeira concepção do psiquismo, por Freud, é o objeto do artigo “A construção do psíquico, de Ribot a Freud”, de Claudio Eduardo Rubin e Francisco Verardi Bocca. O texto divide-se em dois tópicos, de títulos similares, “Memória e consciência em Ribot” e em “Freud”. Se para o primeiro, os autores destacam que o problema das doenças da memória tem explicação ao “mesmo tempo fisiológica e psicológica”, Ribot descreveu “as diferentes patologias como amnésia, afasia e hipermnésia”. Pois, segundo Ribot, “la mémoire est, par essence, un fait biologique; par accident, un fait psychologique”, sob perspectiva evolucionista. Para Freud, mesmo tratando “de forma geral do funcionamento do psiquismo não se limitando só a uma explicação da memória”, “encontramos uma perspectiva de explicação darwinista”, que recorre “ao conceito de seleção natural, na divisão da tarefa dos neurônios”. O artigo encerra com a apresentação de dois pontos indicativos da diferença significativa do “entendimento da memória por parte de Ribot e de Freud”.

Com o artigo “Contrapontos com relação à moralidade em Freud e Winnicott”, de Eder Soares Santos, contemporiza-se o debate apresentado pelo dossiê. Se “o fundamento da moralidade em Freud está marcado pela formação de um sentimento de culpa imemorial, ligado à produção de angústia associada a esse sentimento”, calcado em outro ponto de partida, Winnicott concluirá que o sentido da moralidade “está inegavelmente ligado ao fato de que o ser humano exista como um ser humano e não como um produto patológico da sociedade”. Para mostrar os contrapontos entre um e outro pensador, o autor, inicialmente, historia as primeiras pesquisas neurofisiológicas de Freud; depois, recorre a Melanie Klein para alcançar a diferença da abordagem de Winnicott para a questão da moralidade.

Santiago Esteban Peppino assina o artigo “Sobre la interpretación en psicoanálisis: Ricouer, Freud y Lacan”. Inicialmente, o autor busca “contrapor uma leitura filosófica de Ricouer acerca da *interpretação*

em Psicanálise”, e redefinições do conceito considerado chave por Freud e Lacan. Passo seguinte, mostra como tal conceito psicanalítico pode ser utilizado para criticar as ideologias, como operado pela obra de Žižek. De modo aproximado, apresenta ainda que a “interpretação em Psicanálise constitui uma exegese ou desvelamento”, vez que a hermenêutica parece não dar conta da estrutura do discurso analítico.

Em “El concepto de sujeto en Badiou y en Lacan”, Roque Farrán intenciona “desplazar” a metafísica moderna, desde o “singular conceito de sujeto”, contido nos pensadores indicados no título. As questões basilares e delimitadoras do artigo são: “Que lugar (*topos*) ocupa o conceito de sujeito na articulação lógica (*logos*) do pensamento de ambos autores, particularmente, em suas dimensões ontológicas e políticas? [...] Qual pode ser o lugar deste sujeito? É possível especificar *a priori* sua existência?”. Para a complexidade do problema, o autor indica o quadro referencial de outros pensadores, desde Balibar, a Rancière e Žižek, incluindo Lévi-Strauss, Foucault, Canguilhem, Althusser, que de alguma forma cuidaram ou tangenciaram o tema em pauta. Com destaque para Guy Le Gufrey, pela aproximação de Lacan a Foucault, em vista de uma epistemologia comum. O artigo encerra-se com o item “Imanência e sujeito”, movimentando-se pelas considerações pontuais de Agamben.

Fechando o dossiê, o artigo “Psicanálise e direitos humanos: o estatuto do ódio e o sujeito LGBT”, escrito por Sidney N. de Oliveira e Giani A. Gaiguer, analisa a manifestação de violência “pelo recorte da homofobia”. Inicia com considerações acerca da sexualidade em Freud. Progride pela abordagem da “Construção e operacionalização do ódio”, a lembrar as perspectivas freudianas (1905 a 1925) articuladas sob o desenho de um *estatuto do ódio*, foram incorporadas como relevantes, “por constituírem-se como raiz que nutre de forma prevalente a expressão de violências, especialmente, por caracterizarem uma dialética, que é típica do psiquismo e por pertencerem à gama de elementos primordiais na constituição do sujeito”. Segundo o autor, o entendimento do “estatuto do ódio” exige a larga compreensão da agressividade, tomada como característica da natureza humana. Contudo, “o sujeito LGBTs constitui-se representante da diferenciação e da diversidade do sujeito na imagem especular das operações psíquicas e, por isso, figura

socialmente como *desigual*”, pensado de “forma discriminatória a partir de falsos princípios”. Em contrapartida, o artigo destaca o papel da educação emancipadora em prol da cidadania plena e da não violência. Como queria Einstein: “Época triste, em que é mais fácil fissurar um átomo, que quebrar um preconceito”.

Na sessão Fluxo Contínuo, *Aurora* apresenta os seguintes artigos: “The language of (‘Analytic’) Philosophy”, de Gonzalo Rodriguez-Pereyra; “Filosofia Analítica en América Latina”, de Alejandro Tomasini Bassols; “Religião e cultura: um breve itinerário do fim do mundo antigo aos dias de Kierkegaard”, de Marcio Gimenes de Paula; “A hipótese do *continuum* de Darwin e a distribuição dos fenômenos mentais”, de Arthur Octavio de Melo Araújo; “Ontología de lo sensible y espacio corporal en Merleau-Ponty”, de Leonardo Verano Gamboa; “Stirner e a liberdade como radical autorreferenciabilidade”, de Cesar Augusto Ramos; “Sobre uma geofilosofia de la ciudad para pensar más allá del organismo”, de Patricio Landaeta Mardones e Ricardo Espinoza Lolas; “¿Pobres y ricos de mundo? Repensando la noción heideggeriana de la animalidad”, de Hernán Neira e Diana Aurenque; “Três princípios morais para uma moral mínima”, de Érico Andrade Marques de Oliveira; “Tela desconstrucionista: arquivo e mal de arquivo a partir de Jacques Derrida”, de Dirce Eleonora Nigro Solis; “O monismo integral de Hans Jonas contra o fisicalismo”, de Wellistony Carvalho Viana; e “Filosofia como ciência ou cultura pós-filosófica: as contendidas entre o pragmatismo e o neopragmatismo”, de Edna Magalhães do Nascimento.

Aurora encerra-se com as resenhas dos livros *O pensamento antropológico de Wittgenstein*, de Gunter Gebauer, escrita por Léo Peruzzo Júnior e Valdir Borges, e *Maurício Tragtenberg: 10 anos de encantamento*, organizado por Antonio J. R. Valverde, escrita por Rodolfo Costa Machado.

À boa leitura!

Bortolo Valle (PUCPR)

Antônio José Romera Valverde (PUC-SP)

Editores